

## **A necessidade de ser visto**

Lúcio Siqueira Amaral Filho\*

**Resumo:** O presente artigo aborda a possibilidade que a web 2.0 oferece aos seus usuários de que eles sejam quem eles desejarem ser. Fazendo um relacionamento entre as propostas teóricas de Michel Foucault, Erving Goffman, Guy Debord e Eric Landowski, entre outros, trata da necessidade que os usuários sentem em ser vistos, mostrar-se para os outros usuários da rede. Iniciamos com um breve histórico sobre a “cultura de si”, dos povos helênicos até as atuais personalidades orientadas para e pelos outros, criadas com o auxílio da web 2.0. No final, deixamos um questionamento a respeito dos usuários que buscam a individualidade na rede.

**Palavras-chave:** imagem, subjetividade, visibilidade, web 2.0.

## **Somos quem queremos ser**

“I wish I were big.”

Josh Baskin (Tom Hanks), *Big*

Josh Baskin, interpretado por Tom Hanks, é um garoto que faz um pedido nada estranho (e muito comum) a uma máquina de desejos em um parque de diversões: deseja ser grande. No dia seguinte, quando acorda, seu desejo vira realidade e ele se torna adulto. Um clássico dos anos 1980, o filme *Big* (*Quero ser grande*, o seu título no Brasil), com Tom Hanks como protagonista, trata da vontade de um garoto de ser diferente do que ele é, ser “uma outra pessoa”. Com a evolução das tecnologias da informação e da comuni-

\* Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Celer Faculdades e coordenador da Agência Experimental Looping da mesma instituição. O presente trabalho faz parte da dissertação de mestrado que se encontra em fase de elaboração, sob orientação do Prof. Dr. Álvaro Laranjeira, [lucio@lucioamaral.com.br](mailto:lucio@lucioamaral.com.br).

cação, essa vontade de ser “um outro” está ao alcance de todos: qualquer um, a qualquer momento, pode ser quem quer ser, ou estar onde quer estar. Basta digitar e *voilà*: como num passe de mágica, tudo acontece. As ferramentas da web 2.0<sup>1</sup> trazem essa possibilidade de edição de múltiplas personalidades e subjetividades, através dos *blogs*, das redes sociais e da liberdade do usuário em ser um produtor de conteúdos em potencial.

Mas essa possibilidade não é exclusividade apenas da web 2.0. Antes da sua chegada, isso já era possível em salas de bate-papo e programas de mensagens instantâneas como o ICQ e o mIRC. Os usuários podiam muito bem escolher quem ser naquele momento, naquela conversa com aquela pessoa. O menino tímido, feio e magro passa a ser tudo aquilo que ele sempre sonhou: bonito, alto, forte, elegante e sem nenhum problema em conversas com garotas na sua sala de bate-papo preferida. O mesmo pode acontecer nos programas de mensagens instantâneas; afinal, a garota que está do outro lado não vê quem está por trás daquelas palavras tão lindas e carinhosas. Como afirma Sibilila (2008), são ferramentas apresentadas pela web 2.0 para a criação de si, uma criação livre de personalidades. Ela faz uma distinção entre personalidade e caráter. Aquela é uma subjetividade visível, exposta e mostrada a todos, enquanto o caráter é o contrário, uma subjetividade intro-dirigida, voltada aos valores internos.

Desde a antiguidade grega e romana existe a preocupação do indivíduo consigo mesmo, um interesse pessoal com tendência ao individualismo, levando-o a viver isolado dos outros. Dentro desse contexto, Foucault (1985) destaca três aspectos que caracterizavam essa época: a atitude individualista, que era o valor do indivíduo perante o grupo ao qual ele pertencia; a valorização da vida privada, dando ênfase às relações familiares e aos interesses patrimoniais; e a intensidade das relações consigo, tornando o sujeito passível de uma transformação para corrigir-se e tornar-se melhor. Na cultura, grega esse “cuidado de si” comanda o desenvolvimento do indivíduo:

é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constitui uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber. (Foucault, 1985: 50)

O cuidado de si que os helênicos possuíam era uma ocupação com a própria alma, o motivo pelo qual Deus concedeu ao homem a razão, fazendo, com isso, a diferenciação do ser humano de outros animais. Ele não experimentava momentos de solidão, mas de uma prática social, pois existia sempre a possibilidade de auxílio a um outro indivíduo para a realização desses cuidados. Epicteto (citado por Foucault, 1985: 67) utiliza-se da metáfora do vigia noturno para explicar o constante controle que se deve ter em relação a si próprio. Afinal, sem exames a vida não merece ser vivida.

<sup>1</sup> O que hoje chamamos de web 2.0 foi um termo cunhado por Tim O’Reilly (2005) no ano 2000, quando ele declara que após a explosão da *bolha.com* a internet tornou-se mais importante do que nunca, sendo utilizada como plataforma, pois cada usuário pode controlar seus dados através da arquitetura da participação da rede.

Com o passar dos tempos, essa cultura de si foi sendo transformada. O que antes era a ocupação com a própria alma passou a ser hoje uma preocupação bem diferente, com a personalidade e a subjetividade mostrada aos outros membros das relações de convívio social. Independentemente se esse convívio social é real ou virtual, até porque toda virtualidade tem uma certa dose de realidade. Citando Sibilía (2008: 234), essa personalidade passou a ser “orientada para e pelos outros”, onde a imagem pessoal tem uma importância acima de qualquer outra coisa, ou seja, o que vale é o que é mostrado para os outros, não importando se o que é mostrado condiz ou não com o que realmente se é.

Nesse sentido, as ferramentas da web 2.0 agem como potencializadoras para a criação de personalidades, para mostrar aos outros o que se é (ou o que se quer ser), fazer com que todos saibam do fato da sua existência e de como se é, se age e se comporta. Para isso são utilizados *blogs*, *fotologs*, Orkut, Facebook, entre outras tantas opções oferecidas, opções essas que tornam possíveis relações entre o produtor/autor e o visitante dessas páginas. São relações mediadas por uma máquina, muitas vezes virtuais, onde as partes não se conhecem, nunca se viram de uma outra forma que não seja através de imagens transmitidas por *webcams*. Debord já afirmava, em sua sociedade do espetáculo (1997), que as relações sociais entre as pessoas são mediadas por imagens, o que acarreta numa total espetacularização do mundo, com a criação em massa de novas personalidades e subjetividades a qualquer momento, novas imagens de si para serem mostradas aos outros. Tendo como exemplo o Orkut, se alguém não quiser mais ser quem é e desejar passar a ser uma outra pessoa, basta apenas utilizar a edição de perfil, que possibilita, entre outras coisas, mudar o nome, o relacionamento, a aparência, a altura, e até mesmo o sexo.

Opções para mudanças não faltam, muito menos desejos por parte dos usuários dessas ferramentas. Mas importa mais o produto final, o resultado da obra, a personalidade criada, do que a verdadeira subjetividade dos indivíduos. Retomando Debord (1997), ele afirma que o que é bom deve ser mostrado, e se é mostrado é porque é bom. Dessa forma, as personalidades são mostradas para serem boas, pois estão aparecendo, e se estão aparecendo é porque são boas, constituindo um círculo vicioso sem início nem fim. E essa criação de personalidades é conjunta, com a colaboração de todos, já que elas são criadas em função dos outros, para serem exibidas para todos os outros.

Paula Sibilía (2008) traça um comparativo entre os diários confessionais do século XIX e os atuais diários *online* escritos nos *blogs*. A principal diferença entre eles é que aqueles eram mantidos fechados e escondiam os pensamentos mais íntimos dos seus autores. Hoje os *blogs* expõem toda a privacidade dos seus autores, mostrando a todos os visitantes quem eles são e o que eles pensam, como agem e o que sentem. Eric Landowski (1992) dá uma outra nomenclatura para isso: ele chama de individualidades privada e pública, onde esta seria composta pelos *blogs* e as suas exposições da intimidade dos autores, enquanto a individualidade privada estaria guardada naquele caderno com todos os apontamentos escondidos que revelariam a mais intensa intimidade de quem os escreve.

Esse espetáculo dá um novo brilho à vida, um brilhantismo tido como necessário para a própria existência desses indivíduos, fazendo deles pessoas conhecidas na rede.

Pelo menos essa é a esperança, já que estando na rede qualquer um pode ter acesso aos seus apontamentos, tudo fica à exposição dos olhares alheios. Olhares que muitas vezes são direcionados às personalidades mais acessadas e mais vistas pelos usuários da rede, direcionados pelos outros usuários, pois, como afirmado anteriormente, o que é visto é bom, e se é muito visto, com certeza é muito bom. Uma lógica que rege a construção das personalidades e imagens presentes na internet.

Goffman (1999) faz uma comparação da vida com um grande palco, onde os indivíduos são atores sociais, desempenhando papéis em uma representação, fazendo parte de uma encenação. Ele também se utiliza da metáfora da casa para tratar da visibilidade dos indivíduos. A fachada da casa, sempre bonita e bem cuidada, seria a encenação teatral, a imagem transmitida para a platéia, constituída por todos os outros indivíduos. Já a parte dos fundos viria a ser a parte íntima do ator, aquela parte que nunca é mostrada para a platéia. Partindo dessa premissa de Goffman, na qual faz uma comparação da vida com a representação, é possível produzir um raciocínio levando em conta as competências expostas por Landowski (1992). Ele também afirma que os indivíduos desempenham papéis, que se constituem em modos de apresentação de si próprios. Esses papéis podem ser públicos, quando o indivíduo quer ser visto, ou quando está em uma representação; ou podem ser uma privatização dos papéis públicos, no momento que ele não quer ser visto, ou seja, no momento em que está ensaiando a peça a ser exibida.

### **Considerações finais**

A partir desse breve referencial teórico, é possível fazer uma relação com os usuários produtores/autores de *blogs*. Eles estariam, segundo esse aporte teórico, desempenhando papéis dentro de seus *blogs*, onde o próprio *blog* seria o palco de suas encenações. A personalidade mostrada no *blog* é a fachada da casa (Goffman), é o que ele quer que os outros vejam, o momento de sua representação (Landowski). Por outro lado, a sua personalidade interior, a intro-dirigida (Sibilia), é a parte dos fundos da casa (Goffman), aquela parte que ninguém pode ver, pois está toda desorganizada e deixaria exposto o seu verdadeiro jeito de ser, ao qual ninguém pode ter acesso. É o instante em que ele está ensaiando (Landowski), o instante em que ele não quer ser visto. Uma outra metáfora é possível e proposta para que seja pensada aqui: a metáfora do monitor. Nela, a personalidade exibida, a imagem transmitida, a fachada da casa, a vida encenada, é aquela que se encontra na tela do monitor. O observador vê apenas aquilo que está na tela, o que é transmitido pelo monitor, nada mais além disso. Já a parte de dentro do monitor pode ser entendida como os fundos da casa, a parte que não pode ser vista, que carrega a verdadeira forma de ser do autor do *blog*.

Todas essas representações e encenações acarretam a criação de personalidades momentâneas, personagens que são o motivo da existência das atuações, sem as quais elas não seriam necessárias. Eles nunca estão sozinhos, existe sempre uma platéia que assiste ao espetáculo, sempre tem pessoas dispostas a ver o que os outros estão mostrando. Afinal, se é mostrado é bom. Para Sibilia (2008: 262),

essa repentina busca de visibilidade, portanto, essa ambição de fazer do próprio *eu* um espetáculo, pode ser também uma tentativa mais ou menos desesperada de satisfazer um velho desejo humano, demasiadamente humano: afugentar os fantasmas da solidão.

Se a internet realmente é utilizada para essa fuga da solidão, como afirma Sibilía, também pode ser levantado um outro ponto de vista: o que dizer daqueles indivíduos que buscam a rede para fazer justamente o contrário, se fechar em um isolamento do real? Aqueles que buscam na internet uma forma de aumentar a sua individualidade, fugindo da coletividade do mundo exterior e real, deixando-o de lado juntamente com todos os seus problemas, medos, inseguranças, temores, e tudo aquilo que pode ameaçar de algum jeito a sua estabilidade emocional tão facilmente abalada? Aqueles que vivem na coletividade virtual e na mais profunda e inóspita individualidade real, temendo as consequências físicas da verdadeira vida humana de ser quem realmente é, presos a uma representação no palco do monitor de uma pessoa estranha e distante.

### **Referências bibliográficas**

- Debord, G. (1997) *A Sociedade do Espetáculo*, Rio de Janeiro: Contraponto.
- Foucault, M. (1985) “A cultura de si”, *História da Sexualidade 3: O cuidado de si*, Rio de Janeiro: Edições Graal, 43-73.
- Goffman, E. (1999) *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. 8.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes.
- Landowski, E. (1992) “Jogos ópticos: situações e posições de comunicação”, *A sociedade Refletida: Ensaio de Sociossemiótica*. São Paulo: EDUC-Pontes, 85-101.
- O’Reilly, T. (2005) *What is web 2.0*, [<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>, accessed 13/09/2009]
- Sibilía, P. (2008) *O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.